

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O PAPEL DE PIERRE MONBEIG NA FORMAÇÃO DO PENSAMENTO GEOMORFOLÓGICO USPIANO¹



CLIMEP – Climatologia e Estudos da Paisagem, Rio Claro, SP, Brasil – eISSN: 1980-654X – está licenciada sob [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

Antonio Carlos Vitte [1]

INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é discutir a contribuição de Pierre Monbeig ao desenvolvimento da geomorfologia geográfica uspiana, que será muito diversa da geomorfologia geográfica carioca.

Pierre Monbeig (1908-1987), que assumiu a cátedra de Geografia na Universidade de São Paulo (USP), em 1935, é um marco importantíssimo para a formação da geomorfologia geográfica na USP, particularmente desenvolvida por Aziz Nacib Ab´Saber e com forte aplicação, atualmente, aos problemas ambientais. Monbeig não apenas desenvolveu uma metodologia de pesquisa própria e que caracterizaria a geografia urbana uspiana, como também introduziu a jovem geração de geógrafos da USP nas mais modernas formas de se interpretar o relevo e sua evolução nas regiões tropicais quentes e úmidas.

O CONTEXTO INTELECTUAL DE PIERRE MONBEIG

Na obra “*Turista Aprendiz*”, Mário de Andrade nos diz que a viagem é uma revelação, é um momento intercultural, que envolve a descoberta, a curiosidade, as imagens e os itinerários e que, nunca, como viajantes, estamos no final, mas sempre

¹ Este texto é produto da pesquisa que desenvolvemos com apoio da FAPESP, processo 06/01047-7, Intitulada “Geografia e Epistemologia: as transformações paradigmáticas na geomorfologia brasileira entre 1930 e 2006”.

abrindo caminhos e nossa bagagem sempre será diferente em cada viagem (ANDRADE, 1993). Acreditamos ser essa uma boa imagem para trabalhar o intelectual, o professor e o mestre Pierre Monbeig (1908-1987), figura ímpar na e para as Ciências Sociais, e para a Geografia Brasileira, em particular.

Segundo Dantas (2005), Pierre Monbeig nasceu em 1908 e concluiu seus estudos superiores na década de 1920. Monbeig foi aluno de Emmanuel de Martonne (1873-1955) e Albert Demangeon (1872-1940). De nossa parte, acrescentaríamos também a influência exercida pelas concepções de Jean Brunhes (1869-1930).

Emanuel de Martonne, eminente geógrafo, genro de Paul Vidal de La Blache e responsável pela organização e publicação *post-mortem* do livro “Princípios de Geografia Humana”, de La Blache, exerceu forte atividade científica e política na universidade francesa, sendo um dos grandes responsáveis pela cientificidade da geografia moderna e por seu reconhecimento enquanto campo científico e experimental necessário à nação francesa.

O seu início de carreira foi como professor de história e geografia (1895), doutorando-se em letras em 1902. Foi nomeado professor da Sorbonne em 1909 e assumiu a direção do Instituto de Geografia da Universidade de Paris em 1927. Em 1909 publicou o livro “*Traité de Géographie Physique*”, que teve sucessivas edições, tornando-se um clássico e exercendo força paradigmática nas pesquisas e na organização dos currículos de geografia no mundo e, em especial, no Brasil. Particularmente no que diz respeito à geomorfologia, nesse livro Martonne recebeu forte influência do “Ciclo Geográfico da Erosão” de Davis, de 1899, realizando uma leitura francesa desse modelo antropomórfico do relevo, que seria importante na sua interpretação do relevo do Brasil nos trabalhos de 1933 e 1944-45, e que marcaria a entrada da teoria geomorfológica moderna na interpretação do relevo brasileiro (MARTONNE, 1943; 1944).

Esse fato foi possibilitado, pois em 1931, quando ocorreu o Congresso da União Geográfica Internacional (UGI) em Paris, De Martonne, então diretor do Instituto de Geografia da Universidade de Paris, Presidente do Congresso da UGI e Presidente da mesma UGI, entrou em contato com o engenheiro-geógrafo Alberto José de Sampaio (CARDOSO, 2006).

Fruto desse contato, em 1933 Martonne veio ao Brasil a convite da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, discursou para os membros dessa Sociedade, chamando atenção para o caráter científico da Geografia e de suas potencialidades na resolução de problemas de ocupação do território (CARDOSO, 2006).

Com essa visita, Martonne viabilizou a contratação de professores franceses recém-doutores ou em fase final de doutoramento, como Pierre Deffontaines, Pierre Monbeig e Francis Ruellan, que teriam a incumbência de instalar e desenvolver cursos de geografia científica nas recém criadas universidades, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH-USP), em São Paulo, e a Universidade do Distrito Federal (UDF), no Rio de Janeiro.

Albert Demangeon ingressou no curso superior em 1892 e, assim como De Martonne, foi aluno de La Blache. Recebeu agregação em 1895 e data de 1905 o primeiro trabalho de sua autoria sobre a geografia regional francesa. Em 1911 ingressou na Sorbone e se orientou para a Geografia Humana. Em 1920 começou a se interessar pelo folclore e pelo habitat rural, que o levou a estudar os problemas econômicos e políticos do mundo. Conjuntamente com o historiador Lucien Febvre, em 1929 fundou os "*Annales d'histoire économique et sociale*" e participou ativamente de livros escritos por historiadores.

Para Demangeon (1952), o objeto da geografia humana seria o estudo dos agrupamentos humanos em suas relações com o meio geográfico, sendo esse mais compreensivo que o do meio natural. Para Demangeon, esse estudo não englobaria apenas as influências naturais, mas também a influência do homem sobre a natureza. Entenda-se *Homem* como coletividade, como sociedade, objeto de

preocupação da geografia humana. O estágio civilizatório em que a sociedade se encontra, o seu grau de coesão social, de solidariedade social e de organização da família exercem ação sobre a base territorial em que esta sociedade se encontra, o que torna o meio geográfico complexo..

Outra característica importante citada por Demangeon (1952) é quanto ao aspecto metodológico. Para o autor, a geografia humana não deve trabalhar com causalidade simples, pois o meio geográfico é complexo, multiescalar e os elementos trabalham em mútua combinação. Para isso, é necessário que o geógrafo tenha em mente a história, pois a evolução do meio impõe uma necessária pesquisa histórica em jornais, arquivos e em entrevistas, para captar a mudança.

Demangeon estudou com muito interesse e afinco a Inglaterra e seu sucesso econômico, o que o levou a preocupar-se com o papel das redes de circulação e o comércio no desenvolvimento econômico de uma nação. Essas características intelectuais de Demangeon exerceram forte influência intelectual em Pierre Monbeig, o que seria fundamental para sua estada no Brasil (1935-1946). Uma das influências imediatas de Demangeon sobre Monbeig, no Brasil, foi a definição das vias de circulação e das redes na construção da história territorial de São Paulo, arquétipo interpretativo para um Brasil em constante movimento de modernização e expansão territorial.

Jean Brunhes recebeu sua agregação em história e geografia em 1892, tendo lecionado em Friburgo, na Suíça, de 1896 a 1912, sendo que a partir dessa data foi professor de geografia humana no *Collège de France*. Dono de firmes posições políticas, era democrata e politicamente engajado, epistemologicamente contestava muitos primados da geografia oficial. Sua obra "*Princípios de Geografia Humana*" foi publicada em 1910 e reeditada em 1912 e 1925. Brunhes, que estudou com Ratzel, foi fortemente influenciado pela "*Antropogeografia*" e pela filosofia de Bergson (1859-1941), para quem a geografia humana deveria, primeiramente, preocupar-se com o produto do trabalho humano. Para Brunhes, o escopo epistemológico é a relação Homem-Natureza, mas o objeto é o trabalho humano e a transformação da

paisagem. Entende que a unidade básica de análise da Geografia é o fenômeno, que deve ser individualizado, e que apresenta uma origem e uma evolução que, ao longo do tempo, tornam-se complexas e podem revelar a dimensão social, econômica, estatística e psicológica do processo de construção do meio geográfico (BUTTIMER, 1971).

Para Brunhes, a classificação de um fenômeno geográfico deve levar em consideração a sua complexidade, que serve para auxiliar as investigações geográficas. Estas devem ser holísticas, integradas e fundamentadas em muito trabalho de campo. Trabalhando com Camille Vallaux (1870-1945), ao discutir o papel da política e da economia nos estudos geográficos, sintetizou a sua concepção de geografia social, o que o levou a considerar o papel das organizações sociais nos estudos geográficos (BRUNHES; VALLAUX, 1921).

A filosofia de Bergson, a antropogeografia de Ratzel, assim a noção de civilização advinda da história e da sociologia; o conceito de organização social de Daryll Forde, expresso no livro "*Habitat, Economy and Society*" (BUTTIMER, 1971, p.66), mais o trabalho de "*Franja Pioneira*" de Bowman (BUTTIMER, 1971, p.66), levaram Jean Brunhes a reconhecer o papel das mentalidades na pesquisa geográfica e a retrabalhar a noção de *complexo geográfico*, desenvolvido originalmente por Ratzel.

Sob o ponto de vista histórico e epistemológico, podemos situar a fase em que Monbeig ingressou na universidade como marcada fortemente pelos trabalhos de Darwin e pelo neo-lamarckismo, assim como pelos intensos desenvolvimentos da física, com a relatividade de Einstein, da matemática, da Teoria do Ciclo Geográfico da Erosão de William Morris Davis, e também pela filosofia de Bergson, que com seu intuitivismo influenciou gerações de pensadores (BUTTIMER, 1971).

É o momento de consolidação da Escola de Viena e também de maturação das ciências sociais e da história, com Durkheim, Weber, Pareto, Maus, Malinowski. Também é o momento de invenções técnicas que iriam revolucionar a percepção e a

cognição do mundo, invertendo muitas escalas e centralidades interpretativas. É o caso do desenvolvimento da fotografia, da fotografia aérea, da cartografia. Sob o ponto de vista sociológico, o momento é marcado pelo papel da memória e da história oral como fontes científicas de pesquisa e interpretação da realidade (CLAVAL, 1984).

Pierre Monbeig é um geógrafo do entre-guerras. Essa situação é muito particular, pois no momento de sua formação havia, claramente, um forte debate sobre o papel das coletividades na explicação geográfica, além das pesquisas histórico-sociológicas que privilegiavam a percepção e a memória como elementos importantes para a análise geográfica. Não devemos deixar de ressaltar que, durante sua formação, os durkheimianos controlavam a vida intelectual e política da universidade francesa, onde o tema das representações coletivas, além da solidariedade social e da família, era fundamental em uma análise social.

No Brasil, o jovem Pierre Monbeig desembarcou em 1935, juntamente com Fernand Braudel, este já influenciado por La Blache e Ratzel (Lira, 2008) e Claude Levi-Strauss. Pierre Monbeig tinha como missão substituir Pierre Deffontaines, mestre de Brunhes, que estava no Rio de Janeiro estruturando o curso de Geografia da antiga Universidade do Distrito Federal, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (AB'SABER, 1994).

Era o início da era Vargas, momento pré-Estado Novo, quando o Estado vinha assumindo, lentamente, importante papel na *revolução passiva* (VIANNA, 1997), e o mito bandeirante seria utilizado, a partir de 1937, como símbolo impulsionador da nação agora moderna. Devemos lembrar que, desde a década de 1920, intelectuais como Mário de Andrade, Oswald de Andrade, dentre outros, debatiam as propostas de construção da nação brasileira. Em 1936, foi publicado *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, obra de referência para a historiografia paulista, na qual a fronteira e os bandeirantes se apresentavam como simbólicos para a nova nação em construção.

Foi um momento particular e ímpar para a história social e da inteligência brasileira, que viu nascer Macunaíma de Mário de Andrade, mas já tinha presenciado o aparecimento da obra “*Juca Mulato*”, de Menotti del Picchia, a figura do Jeca Tatu de Monteiro Lobato, sem falar na música e no folclore com os trabalhos e pesquisas de Mário de Andrade, Câmara Cascudo e Heitor Villa Lobos.

Era o momento em que o mito da terra, inserido em uma concepção espacial e geográfica, tocava diretamente o debate da inteligência nacional, no sentido de buscar a construção da nação e da identidade nacional. Ao mesmo tempo, o Brasil tornava-se cada vez mais urbano, com um operariado questionador da ordem oficial, com revoltas de tenentes, com a coluna Prestes e com um país marcado pela dialética litoral-sertão, acontecimentos estes mediados por uma revolução, a de 1930, e muito próximos de uma ditadura. Inserido nesse Brasil, Pierre Monbeig participaria desse cadinho, vendo ferver conceitos, propostas e, acima de tudo, a reinvenção dos postulados da geografia francesa, uma vez que, como formuladas originalmente, não permitiam a compreensão de um país periférico como o Brasil, e em constante transformação.

Dentre os geógrafos-intelectuais brasileiros fortemente influenciados por Monbeig, podemos citar Aziz Ab'Saber (AB'SABER, 1994; 2007), Manuel Correia de Andrade (ANDRADE, 2007), Pasquale Petrone (Estudos Avançados, 1994) e Antonio Candido (CANDIDO, 1987; RAMASSOTE, 2008). Este último, aliás, em sua obra “*Parceiros do Rio Bonito*”, deixa transparecer, marcadamente, a influência recebida de Monbeig, Brunhes e Sorre.

PIERRE MONBEIG: O MEIO NATURAL E O RELEVO

Pierre Monbeig não se dedicou especificamente à geografia física ou à geomorfologia. Como geógrafo formado na tradição possibilista e dotado de extrema sensibilidade e curiosidade científica, pôde articular as características da natureza

aos estudos geográficos no mundo tropical, onde o estado Varguista articulava o mito bandeirante para justificar a modernização e a expansão territorial.

No entanto, devemos destacar o capítulo “*Os problemas da divisão regional em São Paulo*”, constante no livro “*Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira*”, de 1957. Nesse capítulo, influenciado pelo congresso da AGB, realizado em 1946, em Lorena, Monbeig questiona o papel da divisão regional fundamentada em aspectos físicos do relevo.

Pierre Monbeig deixa clara a sua concepção de geografia física e da complexidade do relevo paulista, quando na página 126-7 chama a atenção para o padrão complexo, devido ao fato de São Paulo estar situado em uma zona de contato e de transição de unidades geomorfológicas, vegetacionais e climáticas. Na página 127, firma sua concepção de espaço natural “... é uma parte da superfície da Terra no interior da qual os diferentes elementos físicos e biológicos, em ação recíproca e inseparáveis, constituem uma unidade” (MONBEIG, 1957:127). Para Monbeig, cabe ao geógrafo preocupado com o relevo realizar a *delimitação espacial* da região natural e explicar os mecanismos que interferem em sua constituição, que por si só é um complexo geográfico.

Portanto, naquele tempo havia um problema de método geomorfológico. Ou seja, que parâmetros considerar para a análise geomorfológica? E como torná-la geográfica?

Para o autor, um *complexo geográfico*, de fato, realiza-se quando o geógrafo consegue reconhecer os mecanismos das ações e interações entre o meio físico e biológico e as ações da sociedade humana, nesse *complexo*, tornando-o um *meio geográfico*, objeto do geógrafo, seja ele preocupado com a natureza ou com a sociedade.

Muito embora aluno de De Martonne e Baulig, Monbeig não se prendeu ao raciocínio cartesiano da separação e da fragmentação da análise geográfica, como

seus mestres. Para Monbeig, a noção de *complexo* e de *combinação* é fundamental para uma análise da natureza, da geomorfologia, assim como para uma análise da sociedade. Há, então, um rompimento epistemológico e metodológico com os mestres geomorfólogos, pois Monbeig não consegue conceber o relevo como independente, mas sim como produto de uma complexa interação entre a Cultura e a Natureza, ao longo dos tempos, interferindo diretamente na distribuição antropológica e espacial das comunidades e da produção econômica.

Essa posição se tornaria fundamental para a definição da futura pesquisa geomorfológica na USP, tanto que Monbeig, metodologicamente, procurava sempre, em seus trabalhos de campo, os setores mais elevados do relevo e que lhe fornecessem uma visão total da paisagem (AB'SABER, 1994). Sua análise do relevo não estava dissociada da análise biogeográfica, climática, cartográfica e da história territorial (AB'SABER, 1994), constituindo-se uma possibilidade estética e cognitiva para a construção da geomorfologia geográfica. Nas palavras de Ab'Saber (2007, p.36), para Monbeig o que importava era a análise do conjunto, sendo que o geógrafo deveria ler a paisagem.

Em Pierre Monbeig, a geomorfologia geográfica está diretamente associada teórica, metodológica e tecnicamente ao conceito de paisagem, entendida aqui como sinônimo de complexo geográfico, ao longo do tempo histórico.

Para Dantas (2005, p.27), a noção de Monbeig de complexo geográfico ou combinação é derivada diretamente de Vidal de la Blache. De nossa parte, gostaríamos de relativizar essa influência direta, pois sabemos que esse é um conceito ratzeliano (CARVALHO, 1998; 2004), e que Ratzel exerceu influência em la Blache e em seus seguidores, como Jean Brunhes (MOREIRA, 2008), cujo livro "*Geografia Humana*" foi publicado em três volumes em 1910 e uma edição sintética em 1935. E à exceção de Max Sorre, Brunhes é considerado um dos mais férteis geógrafos pós-Vidal e que exerceu forte influência em muitas gerações de geógrafos franceses. Quanto à *combinação*, de nossa parte não a reconhecemos como sinônimo de *complexo*, ao contrário, a *combinação*, a nosso ver, expressa a

interação e suas modalidades, como muito bem lembrou Cholley, que também exerceu forte influência em nosso geógrafo. Tanto assim que Monbeig deixa claro em suas obras (MONBEIG, 1986; ANGOTTI-SALGUEIRO, 2005a) que em um mesmo espaço natural, assim como em uma mesma frente pioneira, podem conviver diferentes combinações e interações entre a cultura e a natureza, resultando em espacialidades e gêneros muitas vezes diversos entre si.

PIERRE MONBEIG E A CONSTRUÇÃO DA GEOMORFOLOGIA GEOGRÁFICA NA USP

Na década de 1930, com o Estado Novo (SODRÉ, 1987), exacerba-se politicamente a noção de território, que materialmente fundamenta-se na expansão do capitalismo, através da ação do Estado sobre o espaço regional, viabilizando o processo de acumulação, à medida que se acentua a relação campo-cidade e o setor industrial se desenvolve. É o momento da criação do Código das Águas (1934), onde o Estado Brasileiro procura normatizar o processo de expansão interior do capitalismo, viabilizando a exploração dos recursos naturais. Já na década de 1940 é criado o núcleo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, assim como o Conselho Nacional de Geografia (1937), sendo que ao primeiro coube a realização da primeira divisão regional do Brasil, fundamentada na concepção de espaço natural, em que a vegetação foi utilizada como critério definidor das macrorregiões (SODRÉ, 1987).

Genericamente, pode-se dizer que a estruturação científica da geomorfologia no Brasil está muito associada a dois grandes marcos na história política e cultural do Brasil, dos anos de 1930, que são: de um lado, a criação e a institucionalização de várias universidades, destacando-se, neste caso, a Universidade de São Paulo (USP) e, já com o Estado Novo (1937-1945), a criação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, que oficialmente teria a incumbência de coletar, sistematizar e pensar a questão do território brasileiro, a fim de fornecer elementos analíticos que norteassem as políticas de Estado.

Especificamente, no que se refere à concepção de elaboração das superfícies erosivas no sudeste brasileiro, a história da geomorfologia registra a influência de duas grandes matrizes epistemológicas. A primeira compreende a década de 1930 e avança até aproximadamente meados da década de 1950, quando o paradigma dominante é o “*Ciclo Geográfico da Erosão*”, elaborado por Davis, em 1899.

Com a criação das universidades, seriam institucionalizados cursos de Geografia, assim como cursos de engenharia ligados às escolas politécnicas. Nestes cursos foram agregadas, em suas grades curriculares, a geologia e a geomorfologia, com ensino teórico e prático que, segundo Ab’Saber (1958), foi fundamental para a geração de geógrafos-geomorfólogos que passaram a contribuir para o conhecimento da diversidade da natureza no Brasil e, ao mesmo tempo, auxiliando na expansão das fronteiras internas do Brasil.

É marcante a participação de Monbeig na interpretação e na busca de relações entre a teoria do Ciclo Geográfico da Erosão, de William M. Davis (1899), e sua concepção de história territorial, a noção de região e o desenvolvimento capitalista e cultural de uma determinada região em análise.

Esse fato fica muito marcante quando analisamos a tese de doutoramento de João Dias da Silveira, primeira tese de geomorfologia defendida na USP, em 1947, em que o pesquisador relaciona a história territorial da região da Mantiqueira, por meio da relação café, ferrovia, modernidade, com a história da evolução do relevo regional e as características culturais da população. Assim, onde o ciclo geográfico era senil, desenvolvia-se o café, apresentando uma “arquitetura” territorial (cidades, vias de comunicação e ferrovias) bem densa e desenvolvida; por outro lado, onde o ciclo era jovem, o atraso cultural e econômico era marcante aos olhos do geógrafo.

Na tese de João Dias da Silveira, intitulada “Estudo geomorfológico dos contrafortes ocidentais da Mantiqueira”, o autor utilizou uma associação entre a teoria geomorfológica davisiana, com destaque para a situação geomorfológica do

canal fluvial, fundamental para definir trechos de juventude, maturidade e senilidade da paisagem, com as características da colonização e ocupação das terras, demonstrando claramente uma forte influência metodológica de Pierre Monbeig (ABREU, 1994; VITTE, 1999).

Assim, como fruto desta relação ensino-pesquisa, uma nova cognição sobre a natureza no Brasil foi-se formando, agora com um caráter científico, e os produtos destas reflexões desaguaram na publicação das mesmas em periódicos e, futuramente, em teses de doutorado.

Mas a maior influência de Monbeig, a qual permitiria o desenvolvimento da geomorfologia geográfica na USP, seria recebida por Aziz Ab´Saber, para quem a influência do método monbeiguiano e de sua concepção de história territorial seria fundamental para a definição do objeto da geomorfologia e de seu método. A primeira influência de Monbeig está na tese de doutoramento de Aziz, “*Geomorfologia do Sítio Urbano de São Paulo*”, preocupação que atualmente é fundamental para compreendermos e avaliarmos o “*meio ambiente urbano*” ou o que o próprio Aziz chama, atualmente, de “*metabolismo urbano*”.

A outra influência de Monbeig sobre Ab´Saber está no fato de que a compartimentação do relevo e sua fragilidade natural, no estado de São Paulo (SP), acabaram por condicionar o processo de ocupação e a dinamização da economia regional do Estado. Essa visão regional de relevo, que já havia sido parcialmente apontada por Pierre Denis, influenciou Aziz em seu amadurecimento intelectual. Somada à sua participação como assistente de Aroldo de Azevedo, na cadeira de Geografia do Brasil, mais aos ensinamentos de Kullmann sobre a fitogeografia do Brasil, Aziz chegou à formatação da distribuição morfoclimática do relevo brasileiro e, principalmente, ao desenvolvimento de um método de trabalho na geomorfologia (AB´SABER, 1969), “*A geomorfologia a serviço das pesquisas do quaternário*”, que até hoje constitui-se em tema paradigmático para a análise geomorfológica e a interpretação histórica do relevo.

A participação de Pierre Monbeig na formação do pensamento geomorfológico na USP é fundamental, pois no atual momento em que está havendo forte penetração da modelagem geológica e a redefinição de uma nova cognição de relevo, o impacto de Monbeig e seu sentido de relevo no contexto da análise geográfica auxiliam-nos a repensar o sentido da geomorfologia geográfica no contexto da Ciência Geográfica.

Some-se aos trabalhos de Martonne no Brasil, seja como professor da Universidade do Brasil ou no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o papel marcante do professor Pierre Monbeig, que além de dinamizar a AGB interferiu diretamente na criação da escola uspiana de geografia. Como o próprio professor Aziz Ab'Saber destacou, em sua entrevista concedida à revista Geosul (2001), e no livro "*O que é ser Geógrafo*" (AB'SABER, 2007), a participação do professor Monbeig foi fundamental para formar na jovem geração de geógrafos a noção do método, a relação entre a história e o espaço, o recorte espacial e, sempre, a busca da contextualização do fenômeno geográfico.

O que é interessante destacar é que a jovem geração uspiana de geógrafos geomorfólogos, como Aziz Ab'Saber e João Dias da Silveira, estruturou-se sob forte influência da escola francesa de geografia, com a produção de monografias regionais (ABREU, 1994), onde a questão da interpretação geomorfológica foi fortemente influenciada pelo trabalho de Davis, de 1899, intitulado "*O Ciclo Geográfico da Erosão*", realizado a partir dos trabalhos de Emmanuel de Martonne. (Figura 1).

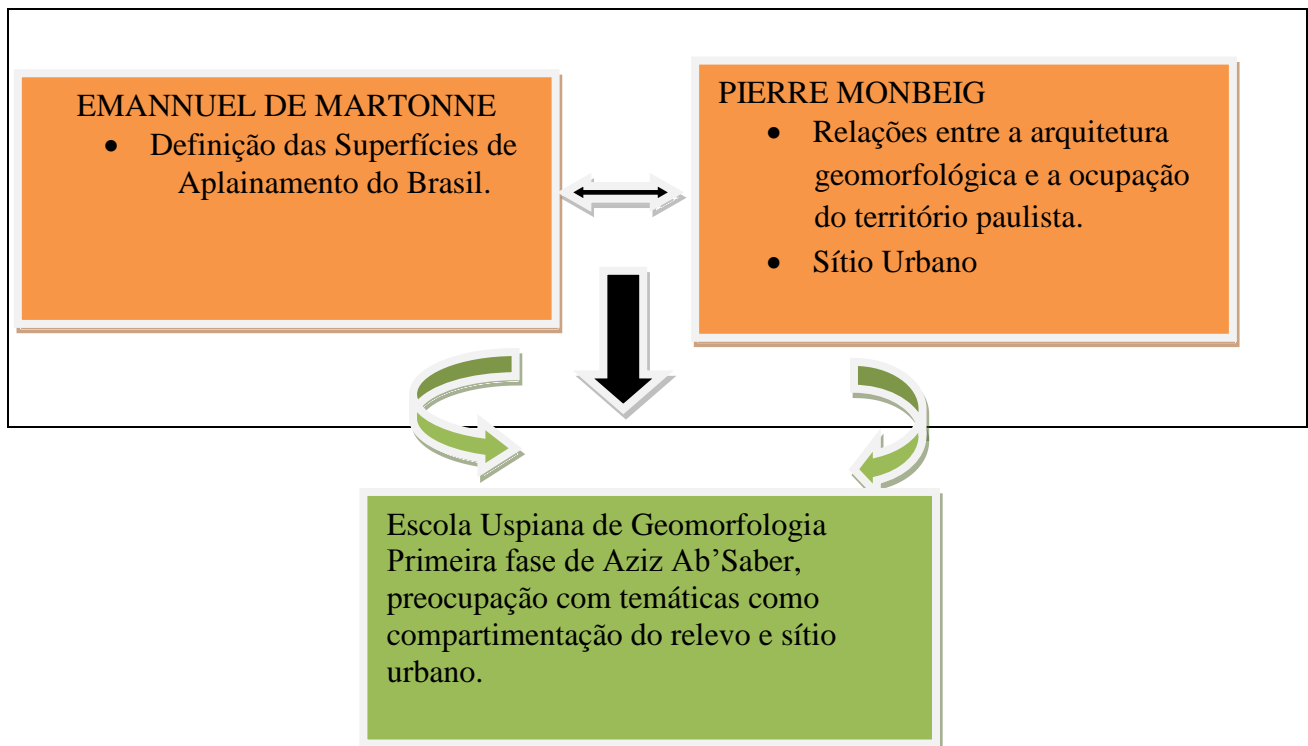


Figura 1. Fluxograma hipotético sobre o desenvolvimento da Geomorfologia na USP. Elaboração: VITTE, A.C., 2008.

A influência de Emanuel de Martonne na análise geomorfológica, associada à proposta metodológica de Pierre Monbeig (ABREU, 1994), acabou favorecendo o desenvolvimento de uma perspectiva metodológica firme para a geografia. Para Monbeig, a análise geográfica deveria produzir monografias regionais, em que a delimitação regional fosse dada a partir da relação entre o natural e o social. Historicamente, este momento coincide com a expansão cafeeira no sudeste do Brasil, particularmente São Paulo, o processo de industrialização e urbanização de São Paulo e a mudança na órbita regional, particularmente entre o nordeste e o sudeste (OLIVEIRA, 1981; CANO, 1990).

Aziz Ab'Saber, já em 1958, chamava a atenção para a enorme produção da geomorfologia brasileira, fruto da expansão dos cursos de geografia no Brasil e da interiorização do desenvolvimento econômico do país.

A geomorfologia na USP e na antiga Universidade do Brasil desenvolveu-se a partir de uma leitura secundária do ciclo davisiano. Particularmente na USP, com forte influência do método monbeiguiano, em que também a noção de história e ocupação era importante para delimitar uma região/compartimento, desenvolveu-se uma autêntica geomorfologia geográfica.

CONSIDERAÇÕES

Ao relembrar o Mário de Andrade do início desse trabalho, o viajante que vê com olhos diferentes é aprendiz e sua mala nunca é a mesma, temos a melhor figura simbólica para representar Pierre Monbeig, que ao longo de sua vida (1908-1987), como bem retratou Ab'Saber (1994), pautou-se pela seriedade, humildade, curiosidade e rigor científico. Ou seja, um viajante que preencheu as inúmeras malas que carregou sempre com novos conteúdos, em um jogo dialético, marcado pela constante transformação, ao mesmo tempo em que registrava a transformação do país.

Pierre Monbeig, como toda a geração de geógrafos pós-Vidal de La Blache e impactado pelas teses durkheiminianas, não mais fundamentava sua concepção de geografia a partir da relação Homem-Natureza, mas sim a partir da relação Civilização-Natureza, base para a conceituação de complexo geográfico.

E foi justamente um país periférico e em constante transformação, como o Brasil das décadas de 30 e 40, que obrigou Pierre Monbeig a reconstruir o conceito de complexo geográfico, levando-o a reinventar os postulados da geografia francesa, apoiado por um intenso contato interdisciplinar com a história, a antropologia, a sociologia, por exemplo, donde emergiria o papel da geo-história, da fronteira e das técnicas nas transformações do meio natural. A esse constructo

articulou-se o papel do meio físico, mais propriamente do relevo, na configuração territorial e também na distribuição das culturas materiais.

As reflexões de Demangeon e de Brunhes, mais o contexto histórico, filosófico e cultural de uma França do entre-guerras, auxiliaram Pierre Monbeig a refletir sobre o sentido do gênero de vida e a história regional em um país periférico e em transformação, como o Brasil das décadas de 1930 e 1940. A partir da reconstrução do conceito de Complexo Geográfico, marcado pelos princípios da conexão, da complementariedade, da interação e da combinação ao longo do tempo histórico, Pierre Monbeig concebeu o relevo como a arquitetura desse complexo. A partir de então, a geomorfologia se tornou geográfica, se considerarmos que todo e qualquer estudo tem como finalidade a história territorial, ou seja, as ações do homem na superfície da Terra, que será a marca para se pensar a escala do regional.

Foi no interior dessa proposta que Aziz Nacib Ab'Saber desenvolveu a geomorfologia geográfica na USP, marcada pelo seu doutorado de 1957, mas principalmente pelo seu trabalho de 1969, "*A Geomorfologia a Serviço das Pesquisas do Quaternário*", e pelo desenvolvimento da "*Teoria dos Redutos Florestais*", uma das maiores revoluções na geomorfologia climática mundial. No substrato epistemológico dessa contribuição de Aziz Ab`Saber paira a noção de história territorial, região e complexo geográfico, ricamente construído por Monbeig, assim como foi o caso de Braudel, que utilizou esses conceitos em sua obra "*Civilização Material, Economia e Capitalismo. Séculos XV e XVIII*" (BRAUDEL, 1998).

Essa posição era sustentada por uma postura ontológica sobre o espaço. Esse primado ontológico do espaço viabilizava a hipótese da unidade da Geografia, donde as espacialidades seriam advindas da transformação da natureza pelo homem, assegurando, com isto, um *status* epistêmico ao saber geográfico.

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABREU, A. A. de. **Análise geomorfológica: reflexão e aplicação.** Tese (Livredocência). 1992. Universidade de São Paulo, São Paulo, Depto. Geografia, FFLCH-USP, 1992.

ABREU, M. A. O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação. In: CARLOS A.F.A. (org.) **Os caminhos da reflexão sobre cidade /urbano.** São Paulo: Edusp, 1994, p. 199-322.

AB'SABER A.N. Um conceito de geomorfologia a serviço das pesquisas sobre o quaternário. **Geomorfologia**, n.18, 1969.

AB'SABER, A. N. Meditações em torno da notícia e da crítica na geomorfologia brasileira. **Notícia Geomorfológica**, Campinas, ano 1, 1958, p.1-6.

AB'SABER, A. N. Pierre Monbeig: a herança intelectual de um geógrafo. **Estudos Avançados**, vol. 8, ano 22, set/dez, 1994.

AB'SÁBER, A. N.. **O que é ser geógrafo.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

ANDRADE, M. C. de. A geografia no contexto das ciências sociais em Pernambuco. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Recife, vol.22, n.65, outubro, 2007.

ANDRADE, M. de. **Mário de Andrade: fotógrafo e o turista aprendiz.** São Paulo: EDUSP/IEB, 1993.

ANGOTTI-SALGUEIRO, H. A construção de representações nacionais: os desenhos de Percy Lau na Revista Brasileira de Geografia e outras "visões iconográficas" do Brasil moderno. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, 13 (2), jul/dez, 2005.

ANGOTTI-SALGUEIRO, H. Dossiê representações do Brasil: da viagem moderna às coleções fotográficas. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, vol. 13, n. 02, jul/dez, 2005a.

ANGOTTI-SALGUEIRO, H. (org.) **Pierre Monbeig e a geografia humana brasileira. A dinâmica da transformação.** São Paulo: FAPESP/EDUSC, 2006.

BRAUDEL, F. **Civilização material, economia e capitalismo.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRUNHES, J.; VALLAUX, C. **La géographie de la paix et de la guerre sur terre et sur mer.** Paris: Alcan, 1921.

BRUNHES, J. **La géographie humaine: essai de classification positive.** Paris: Alcan, 1910 (edição de 1947).

BUTTNER, A. **Society and milieu in the french geographic tradition.** Chicago: Association of American Geographers, Serie Monography, 1971.

CANDIDO, A. **Parceiros do rio Bonito**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 7 ed., 1987.

CANO, W. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. Campinas: IE-UNICAMP, 1990.

CARDOSO, L. P. C. Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro: práticas e iniciativas na consolidação do conhecimento geográfico. **Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica**, 26 reunião, julho de 2006, CDF-ROM.

CARVALHO, M. B. de. **Da antropogeografia do final do século XIX aos desafios transdisciplinares do final do século XX**. 1998. Tese (Doutorado em Geografia), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1998.

CARVALHO, M. B. de. Geografia e Complexidade. In: DANTAS, A.; GALENO, A. (org.) **Geografia: ciência do complexus**. Porto Alegre: Sulina, 2004, p.67-132.

CLAVAL, P. **Géographie humaine et économique contemporaine**. Paris: Press Universitaire de France, 1984.

CLAVAL, P. **História da Geografia**. Lisboa: Edições 70, 2006.

DANTAS, A. Monbeig: paisagem e geografia estigmática. **Mercator**, Fortaleza, ano 01, n. 02, 2002.

DANTAS, A. **Pierre Monbeig: um marco da geografia brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

DEMANGEON, A. **Problèmes de Géographie Humaine**. Paris: Armand Colin, 1952.

DEMANGEON, A. Uma definição de geografia humana. In: CHRISTOFOLETTI, A. (org.) **Perspectivas da Geografia**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1982, p.1-5.

GONÇALVES, J. H. R. Em torno de uma releitura liberal do mitema bandeirante: Pierre Monbeig e as frentes pioneiras nos anos 30 e 40. **Revista de História Regional**, Maringá, 3(1), 1998, p.37-64.

LIRA, L. A. de. O “modelo insular”: Ratzel e suas contribuições às idéias de Fernand Braudel sobre as origens do capitalismo. **Revista de Economia Política e Política**, Rio de Janeiro, n. 14, agosto de 2008. p. 98-120.

LIRA, L. A. de. Fernand Braudel e Vidal de La Blache: Geohistória e História da Geografia. **Confins**, São Paulo, n. 2, ano 2, 1 semestre 2008.

MARTONNE, E. de. 1943-1944. Problemas morfológicos do Brasil Tropical Atlântico I. Rio de Janeiro, **Rev. Bras. Geogr.**, Rio de Janeiro, v. 4, 1943, p.3-26.

MARTONNE, E. de. Problemas morfológicos do Brasil Tropical Atlântico II. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, 5(4), 1944, p. 523-550.

MONBEIG, P. **Novos estudos de geografia humana brasileira**. São Paulo: DIFEL, 1957.

MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros em São Paulo**. São Paulo: DIFEL, 1986.
MOREIRA, R. **O pensamento geográfico brasileiro. I - As matrizes clássicas originárias**. São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, F. de. **Elegia para uma re(li)gião**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

RAMASSOTE, R. M. A sociologia clandestina de Antonio Candido. **Tempo Social**, São Paulo, vol.20, no.1, 2008, p.219-237.

REVISTA ESTUDOS AVANÇADOS-USP. Entrevista com Pasquale Petrone, São Paulo V. 8, ano 22, set-dez, 1994.

REVISTA GEOSUL. Entrevista com Aziz Ab'Saber, Florianópolis, n.14, ano VII, 1992.

REVISTA TEORIA E DEBATE. Entrevista com Manuel Correia de Andrade. São Paulo, n. 45, jul-set, 2000.

REVISTA ESTUDOS AVANÇADOS-USP. Entrevista com Pasquale Petrone. V. 8, ano 22, set-dez, 1994.

SILVEIRA, J. D. da. **Estudo geográfico dos contrafortes ocidentais da Mantiqueira. 1947**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), 1947.

SODRÉ, N W. **Introdução à geografia: geografia e ideologia**. Rio de Janeiro: Vozes, 6 edição, 1987.

VIANNA, L.W. **A Revolução passiva**. RJ, Revan, 1997

VITTE, A.C. O texto no contexto da análise geográfica. O caso da tese de doutoramento “Estudo Geográfico dos Contrafortes Ocidentais da Mantiqueira”, de João Dias da Silveira. **I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico**. Rio Claro: UNESP, 1999, p.104-114.

VITTE, A.C. **Geografia e epistemologia: as transformações paradigmáticas na geomorfologia brasileira (1930-2006)**. SP: FAPESP, Relatório Final, processo 06/01047-7, 2008, 320p.

RESUMO

Esse trabalho argumenta que o pensamento geomorfológico uspiano desenvolveu-se a partir das reflexões de Pierre Monbeig. Nesse processo, a noção de complexo geográfico, definido a partir de uma relação entre a Cultura e a Natureza, ao longo da história material da sociedade, permitiu compreender o relevo como arquitetura necessária ao desenvolvimento da história territorial de uma região. A influência direta desse postulado é a obra de Aziz Nacib Ab'Saber, na qual se organiza a geomorfologia geográfica uspiana e que marcará a interpretação do relevo brasileiro, em termos de recursos analíticos, epistêmicos e metodológicos.

Palavras-chave. História da Geografia. Pierre Monbeig. Geomorfologia. Aziz Ab'Saber. Complexo Geográfico. História Territorial.

ABSTRACT

This paper argues that the uspian geomorphological thought was developed from the reflections of Pierre Monbeig. In this process, the notion of complex geographic, defined as a relationship between culture and nature, throughout the material history of society, allowed to comprehend the relief as a necessary architecture for the development of territorial history of a region. The direct influence of this postulate is the work of Aziz Nacib Ab'Saber, where the uspian geographical geomorphology is organized and which masks the brazilian interpretation of the relief, in terms of analytical resources, epistemic, and methodological.

Key words. History of Geography. Pierre Monbeig. Geomorphology. Aziz Ab'Saber. Complex Geographic. Territorial History.

Informações sobre o autor:

[1] Antonio Carlos Vitte, Departamento de Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, UNICAMP, Campinas (SP). Pesquisador CNPq.
Contato: vitte@uol.com.br.